

**PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES INCLUSIVOS
PROFORMI**

**A Formação de Contadores de Histórias
Infantis em Libras: ensaios
pedagógicos**

Guia Teórico - Prático

Autor
Luiz Albérico Falcão

Recife, 2013

1. APRESENTAÇÃO

A formação de Contadores de Histórias Infantis em Libras é uma proposta inclusiva em que participam crianças surdas e ouvintes e tem como motivação inserir a criança com deficiência auditiva no imaginário da fantasia das histórias infantis de forma colaborativa e interativa, além de apresentar a Língua Brasileira de Sinais - Libras para todas as crianças ouvintes e surdas em respeito às diretrizes reestruturantes de uma sociedade verdadeiramente inclusiva e para/com/por todos.

Trata-se de um princípio de humanização e socialização que integra e acolhe, na diversidade de ideias, sentimentos e valores. São oportunidades humanizantes para a convivência com as pessoas diferentes. A comunicação sinalizada por meio da língua de sinais com gestos e imagens permeia o mundo da fantasia com brincadeiras, festividade e muita alegria. Portanto, é preciso desconstruir todos os preconceitos segregacionistas de que existem dois mundos: o do surdo e o do ouvinte, e trabalhar para a reconstrução de um mundo bilíngue inclusivo onde todos saibam como dialogar, comunicar e educar para conviver com os diferentes e respeitar suas diferenças, como proposta de preparação para a vida em sociedade inclusiva e compartilhada para/com todos.

A formação de contadores de histórias infantis em Libras é uma proposta que acolhe, interage, desmistifica e supera os limites comunicacionais porque utiliza além do cenário imagético e vestuário apropriado, sinais, classificadores e marcadores da Libras atendendo às especificidades cognitivas de crianças, jovens e adultos surdos e ouvintes.

O planejamento das atividades e a exposição de experiências de contação de histórias comprovadamente positivas, possibilitam a disseminação de gestos e sinais que culminam com a aprendizagem da Libras por todos os participantes, inclusive e principalmente, educadores e familiares de crianças surdas e ouvintes que estarão atuando como multiplicadores dessas ações pela humanização de todos os ambientes educacionais¹.

Neste momento de inclusão social brasileiro, todos os espaços familiares, escolares e de formação de educadores deve ter a Libras como instrumento de acesso ao Conhecimento. A língua de sinais surge como veículo de acesso ao cognitivo da criança surda e amplia os horizontes comunicacionais das crianças ouvintes.

O acesso ao acervo literário infantil de forma sinalizada e oralizada adequando cada cenário, os personagens e, principalmente, a mensagem implícita e explícita da narrativa é uma proposta inovadora que contribui com a estruturação da sociedade inclusiva e para todos. Não basta ver a imagem de cada cenário com o olhar, os sinais e na audio-descrição, mas compreender na

¹ Para a conclusão deste Guia teórico-prático tivemos a colaboração de diversos educadores com experiências em Libras e educação de surdos, em especial, da professora e especialista em Educação Especial e Libras Naedva Burgos que dedicou parte de seu tempo para a correção final.

narrativa, o discurso que envolve cada cena, modelo de sociedade e regras de comportamento e sentimentos que envolvem a construção da história.

Desta forma, entende-se que existe a necessidade de capacitar todos os educadores infantis, pais e trabalhadores da educação: professores, interpretes, cuidadores, independente se surdos e/ou ouvintes, a lidarem com a contação de histórias infantis em Libras, respeitando os princípios da cognição visual, da descrição visual sinalizada (FALCÃO, 2013) como proposta de emancipação crítico-reflexiva dos sujeitos envolvidos.

O trabalho de contação de histórias em Libras requer não apenas o domínio da língua de sinais, mas também, como desenvolver estratégias educacionais necessárias para o bom entendimento e desenvolvimento das atividades. É preciso conhecimento prévio de como construir o cenário, os personagens, adequar cada história e como estabelecer um diálogo participativo, compartilhado e educativo com o público oralizado e sinalizante.

Esta é mais uma iniciativa para a universalização e popularização da Libras. É preciso garantir interação e respeito, integração e socialização de valores e princípios humanitários para todos, surdos e ouvintes, sinalizantes e oralizantes. Muitas dessas regras de convivência social estão inseridas nas entrelinhas dos textos das histórias infantis que são repassadas ao público infantil, sem evidência nem reflexão crítico-reflexiva das mensagens, pelos que replicam as histórias. Então não basta contar a história infantil em Libras, mas também, construir as reflexões éticas e morais inerentes aos valores explícitos e implícitos em cada narrativa e tornar tudo isto acessível como proposta educacional e de formação humana.

A importância de tornar acessível a literatura infantil para as crianças surdas e ouvintes via imagem, sinalização e oralização subsidia o desenvolvimento cognitivo, emocional, intelectual, social e contribui para a aquisição da língua de sinais como meio de comunicação e interação com o mundo, além de estimular a formação de leitores mirins. Assim justifica-se a necessidade de um curso para a formação, capacitação e atualização de educadores contadores de histórias infantis em Libras, que sejam surdos e/ou ouvintes, para atuarem em bibliotecas, espaços educacionais e multiculturais gerando atividades bilíngues que alcancem os diversos ambientes de modo inclusivo, compartilhado, interativo, que contagia com brilho nos olhos daqueles que vivenciam tamanhas emoções.

2. HISTÓRIA DA ARTE

O mundo infantil apresenta-se repleto de imaginação e fantasias. As histórias infantis são criadas com manifestações do imaginário dando vida e voz humana ao abstrato e subjetivo, envolvem eventos e expressões da natureza com a participação de animais e plantas que falam, sentem, reclamam, vivem e morrem com feitiços, maldições, e que por um passe de mágica ressuscitam, acordam, despertam de sonos profundos.

As lições morais e éticas explícitas e implícitas nas histórias infantis buscam doutrinar e reorientar valores e interesses. As narrativas referem conflitos entre o bem ao mau; reflexões sobre sentimentos e comportamentos como a teimosia, a falta de respeito a regras sociais, a não atenção às orientações dos mais velhos. Também mantém a inveja, o poder do bem e do

mal rodeando os valores humanísticos que conduzem doutrinas aos comportamentos e atitudes infantis, segundo o modelo de sociedade proposto. Contudo, pouco ou nenhum desses princípios estão explícitos na narrativa e como a educação das pessoas surdas está rodeada pelo concreto e objetivo, precisariam ser trabalhados esses valores no tempo posterior ao da dramatização pelos educadores (pais, cuidadores e professores) surdos e/ou ouvintes para as crianças surdas. Muitas histórias estão sendo contadas, repassadas, exploradas sem conferir o sentido original da narrativa.

Durante as apresentações as pessoas envolvidas incorporam cada um dos personagens assumindo suas identidades e gerando realidades coletivas. São momentos de euforia, tensão e medo, amor e ódio, revelados nas faces e nas emoções de cada personagem presente, atores e público, em ambiente que contagia e sublima a essência da vida e do amor quando o bem vence o mal e no desfecho se instala o discurso do "felizes para sempre". Mas nem sempre na vida real é assim! Daí sublimam para a divindade sem estabelecer a crítica reflexiva que emancipa na dialética.

São fatos relatando conflitos do dia-a-dia e se motivam como estratégia de fortalecer ensinamentos morais, regras de convivência, além de imposição do poder sobre os fracos e indefesos, repletos de ensinamentos culturais, tendenciosos e doutrinadores do comportamento humano com raízes morais de manutenção do poder. Em tudo sempre figura personagens quer do rei sobre os seus súditos, do gigante, do poderoso, do bem e do mal, sem relevar nem considerar, contudo, a possibilidade e necessidade da existência da dualidade na unidade e individualidade de cada ser pensante e reflexivo enquanto direitos universais da vida.

A história clássica geralmente esconde-se atrás de personagens e representações artísticas, enriquecidas pela imaginação dos participantes que se envolvem com a narrativa de problemas e conflitos comuns à época em que se cria o fato, mas que se transportam, como num passe de mágica, para os dias atuais, principalmente quando o discurso ultrapassa os limites do "era uma vez" para a *presentificação* do tempo com a palavra e o sinal PASSADO. Daí se instala o termo "no passado", "em algum lugar", sem que sejam pontuados esses fatores como do imaginário e da ficção jamais existente. Fatalmente algumas crianças mais travessas ou inquietas poderão passar algumas noites sem dormir, ficarem com "medo do escuro", do "bicho papão", da "mula sem cabeça", do "boi da cara preta", atenderem aos pedidos de seus cuidadores para não serem "enfeitiçados".

Geralmente essas histórias apresentam-se como "contos de fadas" e iniciam suas narrativas com a tradicional frase "era uma vez" alertando a todos para o início da contação que é infantil, mas encanta e envolve todas as idades. Histórias famosas como "*Branca de Neve e os sete anões*", "*Chapeuzinho Vermelho*", "*Cinderela*"; apresentam-se também as fábulas de animais que se humanizam como o "*Gato de botas*", "*A formiga e o gafanhoto*", "*O lobo mau e os três porquinhos*". Neste contexto, existe uma categoria mais regional que se apresenta na cultura folclórica brasileira como lendas e mitos que estão classificadas por regiões de origem como a "*Mula sem cabeça*", "*Curupira*", "*Saci-pererê*", "*Mãe d'água*", "*Boi tatá*". Outros modelos de histórias infantis são apresentados na literatura com gravuras, algumas vezes sem

textos nos quais as crianças interpretam livremente e criam suas próprias narrativas envolvendo-se nos ambientes representados pelas figuras segundo a imaginação e vivência de cada uma (FALCÃO, 2007).

Para o autor, todo este arsenal literário está disponível em papel e tinta, CDs e DVDs, na internet, acessíveis à toda população na modalidade oral-auditiva e em alguns casos também em sinais da Libras. A crítica ao modelo de adaptação desses textos em Libras é que se mantém um contexto de personagens comuns, sendo que, as histórias são contadas sem garantir a compreensão do caráter do conto, fruto da imaginação, ou ainda, sem construir no público, quais os fundamentos, princípios e doutrinas que estão permeando a história. Algumas delas, segundo o autor, o personagem perverso é o ouvinte e o bonzinho é o surdo o que vai de encontro ao modelo inclusivo de uma sociedade humanizada. Desta forma segregacionista alimentam a discriminação.

Continuando a crítica aos textos adaptados em Libras para crianças surdas, passa-se a ideia com termos e sinais no concreto e atual, como se tivessem, as histórias, realmente ocorridas no *PASSADO*. Contudo, pela dificuldade da construção conceitual da relação temporal na educação de surdos, entre o sinal e o tempo "passado" concreto ou imaginário, e diante da inexistência do sinal "era uma vez", alguns ainda usam o sinal "há muito tempo atrás". O imaginário das crianças surdas é uma incógnita, alguns chegam a acreditar nesta demanda de forma presente da existência. Nada errado para a idade infantil, mas acreditar ainda na juventude é um problema. Pelo fato dos animais mexerem a boca nos filmes com animação, uma jovem surda aos 15 anos questionou se esses animais, de fato, oralizavam e comunicavam como as pessoas ouvintes.

3. OBJETIVOS DE CONTAR HISTÓRIAS INFANTIS EM LIBRAS

A existência de conflitos sociais e educacionais pela falta de informação e formação familiar diante das dificuldades em se comunicar e educar uma criança (filho-filha) surda é uma ocorrência comum e agravante da fragilidade afetiva. Pior do que o atraso do diagnóstico da surdez e a indiferença dos pais em não saber da necessidade e especificidade cognitiva em lidar com o filho sinalizante.

Ao trabalhar de forma recreativa com simplicidade e ludicidade uma história infantil, desenvolve-se a imaginação e permite-se o acesso ao imaginário da criança. Não apenas como uma simples brincadeira sem objetivos, mas com o propósito educacional de formação pessoal para o desenvolvimento do senso crítico, reflexivo, investigativo, moral e do comportamento.

Para tanto, é preciso construir todo um processo de interação comunicativa e afetiva com o público. O contador de histórias se mistura com o personagem e deixa de ser uma pessoa comum passando uma referência reflexiva, constitutiva e construtiva de atitudes e comportamentos que servem como modelo a ser seguido pelas crianças.

As estratégias utilizadas pelo contador de história, quer seja surdo e/ou ouvinte, deve estabelecer uma relação de empatia e amor, levar o gosto pela leitura com prazer e descobertas, a investigação com ludicidade e construção

de valores pessoais e sociais desenvolvendo além da linguagem, o pensamento lógico e o comportamento afetivo. tudo isto contribui com a estruturação do sujeito; na construção da narrativa, da relação temporal com o mundo; as consequências e desmembramentos de cada pensamento, ação e reação, o que leva a descobrir que "o livro é o melhor amigo do homem"².

A sistematização da língua de sinais ocorre após a apresentação da história com o desmembramento e desdobramento das informações. Além dos princípios e valores éticos e morais que estão implícitos na história e que devem ser pontuados pelo contador e compartilhado por todos como modelo social e pessoal a ser seguido, é preciso compreender que a narrativa tem um discurso e uma lógica que deve ser construída, passo a passo, com o público.

Algo que enriquece e garante a instalação da transdisciplinaridade nesta ação formativa é a possibilidade de compartilhar regras gramaticais, envolver os diversos temas curriculares, elaborar o raciocínio e a estruturação dinâmica da língua de sinais e o desenvolvimento das relações de amizade e colaboratividade entre sujeitos ouvintes e surdos. Assim, pretende-se com esta formação:

1. Enriquecer o vocabulário dos sinais e das palavras no conjunto das atividades programadas com cenários cada vez mais ricos e coerentes com a programação de cada semana;
2. Possibilitar o desenvolvimento da espontaneidade, simplicidade e criatividade com liberdade e autonomia de cada criança co-autora do processo pedagógico;
3. Exercitar as emoções e sentimentos, aprender os limites e a conhecer e controlar as reações fisiológicas e instintivas;
4. Construção da identidade pedagógica a partir da vivência intermediada através da cultura literária.

4. CLASSIFICADORES E MARCADORES ENQUANTO RECURSOS LINGÜÍSTICOS AUXILIARES AO CONTADOR DE HISTÓRIAS

Além dos sinais linguísticos, do uso da mímica (pantomima e gesticulação) para se comunicar com as mãos, o corpo e a expressão facial, existem outros recursos linguísticos que favorecem a comunicação com os surdos que é o uso de classificadores e marcadores que definem, no cenário, a distribuição espacial, posição, condição e disponibilidade dos sujeitos, objetos e animais no ambiente.

Cada Sinal apresenta uma característica definida como parâmetros da Libras composto pela Configuração das Mãos, Movimento, Locação, Direção e Sentido e Expressão Facial. Também existem variações como a ritmicidade, velocidade e o tempo para definirem intensidade do sinal.

Os classificadores e marcadores na língua de sinais assumem esta responsabilidade de tornar a língua mais dinâmica. São configurações das mãos que substituem um determinado sinal representando animais, objetos, pessoas, ambientes e natureza. Este recurso assume uma função básica de

² Comentário da prof^a. Ana Vargas durante o I Seminário de Comunicação Visual em Sala de Leitura para Crianças Surdas realizado em Recife-PE.

facilitar a comunicação de forma dinâmica, tornando-a mais leve e de fácil compreensão.

Substituir um sinal por um classificador é atribuir-lhe um significado que atende à sua característica física, qualidade, condição e quantidade. Ao

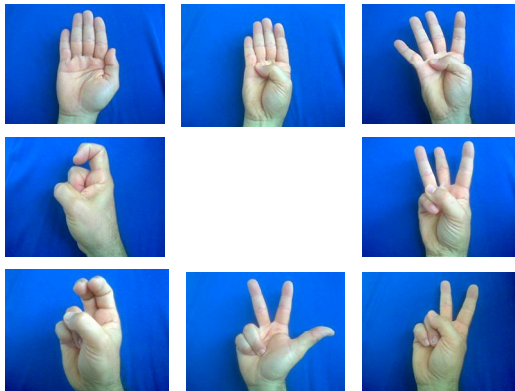


aprendermos os sinais da Libras, é preciso ter em mente que não existem apenas as configurações do alfabeto e dos números como sinais. Falcão (2007) registrou 80 configurações das mãos utilizadas pelos surdos de seu convívio demonstrando esta variedade.

Assim, os classificadores podem utilizar esses formatos além de características dos elementos do desenho geométrico como formas e modelos. Essas configurações assemelham-se a algumas características comuns atribuídas ao fenômeno observado como o andar, o movimento, aparência, sendo assim, não possui uma configuração

ou formato/desenho da mão único.

Para cada ação de um animal, objeto, ambiente, natureza ou pessoa, o classificador varia e isto caracteriza o dinamismo e a beleza da língua justamente pela adaptação e interação comunicacional.



Outro recurso da Libras muito utilizado é o marcador que define a distribuição espacial na narrativa.

Os marcadores variam segundo a posição definida no diálogo para os diferentes sujeitos, objetos, coisas e natureza contribuindo para identificar cada um dos personagens em cada ambiente.

Ao utilizar um marcador é preciso ter noção de proporcionalidade, direção e sentido.

Desta forma, não basta, por exemplo, aprender o verbo andar isoladamente, mas sim, saber quem é o sujeito da frase, como ele anda e por onde anda, pois para cada pessoa ou animal tanto a configuração como os movimentos modificam-se e assemelham-se a este elemento que é ativo e, por si só, define a ação.

4.1 Utilização dos classificadores e marcadores

Alguns cuidados devem ser tomados com o uso dos classificadores e marcadores pois adaptam-se tanto ao movimento quanto aos sujeitos e podem

estar misturados no discurso como distintos um do outro. Quando se misturam classificador e marcador assumem as mesmas configurações e movimentos como é o caso de classificar dois adultos e uma criança, dá-se o sinal de PESSOA com a configuração em 3 (quantidade), mas no momento de marcar quem é a criança ou os adultos define-se quem é quem no diálogo.

Os Classificadores também são distintos dos marcadores como é o caso de colocar um prato numa prateleira, mesa ou numa gaveta. Com o mesmo classificador varia o marcador conforme a posição no espaço e a construção do cenário.

Alguns classificadores são semelhantes para os animais que são diferentes entre si e que também possuem sinais diferentes. Por exemplo, o classificador para as patas de uma galinha, garsa, pato, pombo, etc é o mesmo embora cada animal possua o seu sinal específico. Portanto, como distinguir de qual ave está-se a referir? A diferenciação entre eles deve ser a apresentação do sinal antes da apresentação do classificador e assim a criança vai poder compreender de qual animal está sendo comentado ou trabalhado. E quando mudar o personagem deve-se colocar o sinal correspondente.

Outro exemplo que pode ajudar na compreensão quanto ao uso dos classificadores para uma determinada pessoa. Ao andar assume a configuração em N com movimento dos dedos como sendo os passos de uma pessoa. Neste momento pode andar mais rápido, lentamente, representar uma queda, pular. Mas se vai saltitando a melhor configuração é com o número 5 com movimento alternado dos dedos.

Mas ao marcar cada passo no chão, a mão espalmada com os dedos juntos e estendidos, melhor representa e refere-se aos pés e às marcas na areia da praia.



Esta mesma configuração espalmada pode ser feita ao referir-se a um cardume numa direção frontal com a mão espalmada não mais como o sentido da planta dos pés, mas sim, vertical referindo-se às nadadeiras do peixe, com os dedos para frente e movimento vibratório.



Desta forma, configura-se que para uma situação de ação, tanto o verbo flexional como os classificadores assumem uma configuração específica e adequada de forma, dimensão, expressão. Vejamos algumas destas variações:

Em N com o movimento dos passos caminhando uma pessoa e respeitando a velocidade expressa nos movimentos; Com os números 1,2,3,4 (quantidade) para a pessoa andando conforme a quantidade; A mão espalmada representado muitas pessoas definida a direção pelo sentido do

movimento da mão. Assim a PESSOA³: ANDAR, PARAR, CAIR, SUBIR, LEVANTAR, PULAR, PULAR-DE-ALEGRIA;

Para o sinal de ANIMAL podemos ter variação comparando a marca e o peso do animal com o andar de um LEÃO que difere de um GATO ou de um ELEFANTE, mas ambos assumem a configuração em S. E como contar um fato ou uma história de que um LEÃO e o classificador (com as garras em S) caminhava numa floresta e quando viu um coelho correu para alcançá-lo. Neste momento as patas em S modificam-se para as mãos em GARRA referindo-se a um classificador que represente um golpe fatal no pequeno e indefeso animal devorando-o.

Abre-se um parêntese neste momento para explicar a natureza predadora dos animais (que não é um conjunto de árvores), sem deixar de ressaltar que os homens também são predadores e comem a carne dos animais que é vendida nos mercados e frigoríficos⁴. Para aves em geral o classificador é em LV. Mas para referir-se a um gavião ou águia muda a configuração para as garras do animal em L5. Para o peixe usa-se a mão espalmada para frente com movimento das nadadeiras.

Para um objeto ou coisa o classificador também varia segundo como se pega ou manipula e o marcador, conforme o local onde vai ser colocado e como vai ser colocado ou distribuído o item:

- Veículo: MOTO em X com movimento e sentido tem-se classificador e marcador com as mesmas configurações, caso a moto vire estará usando o mesmo classificador e o marcador faz o movimento da queda. A mesma reflexão para um carro, ônibus.
- CARRO configuração em 5 ou mão espalmada igual para CAMINHÃO, ÔNIBUS. Se for articulado coloca duas mãos espalmadas interligadas.
- O teto de uma casa pode com as mãos espalmadas em posição de casa abrindo para cima EXPLODIR, ou abrindo para baixo referindo a implosão do teto ou desabamento. Não pode esquecer da expressão facial referente ao fato.
- Para um poste ou uma bandeira hasteada pode-se utilizar apenas o dedo em 1 (quantidade) com o braço vertical. Mas antes precisa fazer o sinal da bandeira ou de eletricidade. E se for uma estaca basta o dedo indicador. Prestar atenção ao marcador do chão para não colocar as estacas no ar sem definir o cenário como altura, nivelamento, distribuição.
- Para um livro o sinal com as duas mãos espalmadas juntas com o polegar para cima, com o movimento de abrir o livro separando os polegares. O caderno com o movimento folheando as páginas, varia o classificador pela largura e o marcador se vai ficar vertical ou

³ Quando nos referirmos ao sinal colocamos em caixa alta a palavra para distinguir da explicação no texto.

⁴ Aos 16 anos uma jovem surda da 8ª série come a carne de galinha comprada no mercado, mas não come a galinha abatida em casa.

deitado numa prateleira. Perceba que o sinal de biblioteca é o classificador de vários livros arrumados no sentido vertical.

- Uma folha de papel ao cair faz um movimento planando no ar até atingir o chão. Este é o classificador da folha de PAPEL, mas e qual é a configuração? com a mão espalmada.
- Um COPO vai cair segundo o resultado da queda. Quais as variações? Se for de plástico sem água, com água, se for de vidro, de metal, etc. Para cada ação um classificador e marcador vai ser utilizado para representar. Não se pode esquecer da expressão facial quando o copo de vidro espatifar-se no chão, o que não vai ocorrer se for de plástico sem água.
- Para classificar uma MESA faz o sinal e em seguida se vai ser redonda em LC. Se é para carregar de um lado para o outro pode usar a configuração da mão em 90º conforme figura 1 quadro 23. Para segurar um armário a configuração muda e varia conforme o tamanho e peso.
- O sinal de BRINCAR é feito com as duas mãos com a configuração em Y, mas cada brincadeira vai assumir o classificador e o marcador correspondente. Por exemplo, de se esconder atrás de um poste ou de uma parede, embaixo de uma caixa, etc. as configurações vão mudando conforme as ações e atividades: CORRER, PARAR, SENTAR, JOELHOS, DEITADO, ATRÁS, NA FRENTE, BATER, ESCONDER.
- Com relação aos ambientes e a NATUREZA⁵: Ao classificar o SOL num momento de ALVORADA, AMANHECER é diferente do PÔR DO SOL, dos RAIOS DO SOL;
- Ao dar o sinal de MAR os classificadores para ONDA e TISUNAME diferem conforme a intensidade e o resultado deste movimento completando mistura e devastação;
- Ao dar o sinal de ÁRVORE para atribuir o discurso ao TRONCO, PAU, ESTACA os classificadores são distintos;
- Para uma CHUVA vai depender do CÉU como se apresenta NUBLADO ou ENSOLARADO;
- O sinal de VENTO vai mudar com o intensificador com os classificadores e marcadores para TEMPESTADE ou TEMPORAL ou FURACÃO.

Aconselhamos ter sempre imagem referente a cada situação em comum e trabalhar estes sinais com classificadores e marcadores antes de iniciar a contação de história, justamente para nivelar o conhecimento e padronizar os sinais, desta forma pode-se garantir melhor compreensão, entretenimento e participação do público.

⁵ Estamos diante de um conflito de formação, de oferta de conteúdo pelo mínimo como se o surdo não fosse capaz de aprender conceitos e definições. Tudo vira exemplo e pouco se constrói em detalhes. O sinal de NATUREZA, por exemplo, é o plural de ÁRVORE. Ou seja, sol, mar, lua, sertão, deserto, montanhas, cerrado, as flores, os campos se não tem árvores, nada disto está sendo considerado como parte da natureza.

5. METODOLOGIA: USO DE ESTRATÉGIAS E TÉCNICAS INDISPENSÁVEIS AO CONTADOR DE HISTÓRIAS INFANTIS

A cognição visual é um caminho de acesso ao mental do sujeito surdo que precisa ser explorado de forma propositiva, investigativa, questionadora, crítica, reflexiva, visando a construção do campo conceitual amplo e interconectado com o conhecimento. A oferta esmolativa que reserva o mínimo ensinado pela lei do menor esforço não fundamenta a sua aprendizagem significativa. Com isto, espera-se desmistificar o modelo pedagógico da aprendizagem por contexto que oferece apenas uma ideia ao sujeito com deficiência auditiva.

Muitas ações do cotidiano caracterizam língua de sinais como a mímica (pantomima e gesticulação), classificadores e marcadores, alguns até correspondem ao próprio sinal da Libras, como é o caso de abrir o zíper de uma mala ou de uma roupa; da fechadura de uma porta quer seja do quarto, de um armário, do guarda-roupa ou mesmo do porta-mala de um veículo; ao segurar o volante de um veículo e já ser o sinal de veículo ou dirigir. São ações semelhantes e recebem a justificativa de serem icônicos pela proximidade da ação-sinal ou ainda ação-classificador e marcador enquanto recurso linguístico da língua de sinais.

Vale ressaltar que a repetição desses movimentos enquanto ação, daquilo que se faz ou deseja não corresponde, necessariamente, ocorrer internalização e assimilação, de forma consciente e elaborada, de todos os conceitos, detalhamentos, valores, definições, sinônimos, adjetivos, quantidade e qualidade, constituições e saberes que estão implicitamente interligados ao verbo, palavra, sinal.

É ingênuo afirmar que ao repetir essas ações enquanto verbo flexional, a pessoa surda se apropriou de todos esses significados e significantes, de todos os princípios aos quais estão inseridos no campo conceitual mental individual e confirmariam a aprendizagem significativa ou apenas mantida na superficialidade.

Por isto defendemos que uma criança surda não aprende a língua oficial de seu país (Libras) de forma natural como tem sido levantado e defendido por muitos linguistas e professores surdos e ouvintes.

Ao desenvolver a comunicação por meio de classificadores e marcadores não confere o padrão da norma culta do sinal a ser utilizado de forma consciente. Em outras palavras, utilizar a pantomima e mímicas com caras e bocas na comunicação não corresponde, efetivamente, no Brasil, ao uso dos sinais da Libras enquanto segunda língua oficial do País. Desta forma, a criança surda não aprende a Libras de forma "natural", apenas olhando uma imagem ou vendo um movimento de um determinado objeto, animal, coisa, ambiente ou natureza.

O processo cognitivo dito "natural" é limitante ao que é apenas visto sem caracterizar, necessariamente, conhecimento e aprendizagem significativa, sem caracterizar o princípio básico da aprendizagem significativa que é a sua aplicabilidade num campo conceitual fruto da investigação e elaboração mental complexa e em rede. É justamente por isto que ao afirmar que uma pessoa surda entendeu o "contexto" nada garante que a sua interpretação não

ultrapasse a uma ideia do fato, sem reconhecer nem elaborar o fato em si, suas motivações, consequências e desdobramento.

A contextualização do encontro entre a cognição visual com a aprendizagem significativa de uma pessoa surda deve superar os limites da simples sinalização. E este é um desafio constante de educadores, pais, professores, e interpretes que assumem o papel dinamizador da intermediação da criança surda com o mundo conhecimento. Fato que precisa ser bem mais detalhado quando forem crianças com deficiência nível severo e profundo, pois carecem de estratégias de ensino mais detalhadas com o uso, por exemplo, da técnica da descrição visual sinalizada⁶.

O que primamos é a capacitação intelectual da criança surda a um modelo mental, crítico, reflexivo, libertador, que habilite-se com curiosidade investigativa, com interesse e motivação em descobrir o novo e redimensionar aquilo que considere ,conhecido.

O ser humano surdo deve conquistar seu espaço pessoal, social e profissional não por meio de privilégios e benesses, pois ninguém precisa ser bonzinho nem considera-lo digno de piedade.

Cada cidadão surdo deve reconhecer seu potencial intelectual, pois não existe deficiência cognitiva diante da surdez. Aprender o que representa autonomia, a conquistar liberdade com criatividade, entusiasmo, atenção e dedicação, consciência e serenidade, compromisso e responsabilidade ética, estética e moral. E, acima de tudo, ter humildade para reconhecer-se sujeito em aprendizagem.

4.1 A sala de leitura como estratégia dinamizadora e emancipadora do educando surdo

A sala de leitura é um ambiente de dinamização de histórias infantis na educação de surdos que promove a criação de temas geradores em comum. Cada criança que chega, olha, vê, observa, manuseia, explora, descobre um livro, uma página, uma imagem, desenvolve o seu mental na busca de desvendar os mistérios na página seguinte.

O livro é uma ferramenta de interação educacional e comunicacional para/com todas as crianças, jovens e adultos, principalmente aqueles sinalizantes que interagem com mais dependência do acesso ao conhecimento imagético.

Assim, esta curiosidade ilustrativa vale como tema gerador e polemizador de novas buscas que atendam às necessidades presentes, mas também, contribuem estrategicamente, ao bom educador de provocar a interconexão dos saberes que acumulam-se em rede no campo conceitual em processo do imagético aos sinais e às palavras escritas. Estabelece-se um triângulo amoroso entre o **livro** como mediador da interação entre surdos e ouvintes, entre a **Libras** e a **Língua Portuguesa escrita**.

A sala de leitura funciona como facilitador da relação minimizando os conflitos por conta de mergulharem, pais e filhos, no mesmo roteiro da ludicidade e construção cognitiva. Vale ressaltar que a língua de sinais com

⁶ Disponível no site www.visaoinclusiva.com.br

uso dos classificadores e marcadores contribui para melhor compreensão do cenário, e a língua de sinais é inserida ressignificando as relações com surdos, como modelo e exemplo de vida, favorecendo a interação, aprendizagem, respeito ao outro e felicidade familiar.

Em cada temática a ser abordada o contador de histórias em Libras pode ajustar, adequar e dirigir os temas da semana para os conflitos motivacionais mais presentes no cotidiano familiar, escolar, social, sempre buscando a participação ativa e integral da criança. Pode-se, com isto, atender aos princípios morais, sociais e éticos aos quais originaram as histórias infantis.

A sensação imagética é quem vai definir o interesse pela história. Ao observar o encontro de crianças surdas com histórias em quadrinhos, verifica-se que a compreensão da história está delimitada ao que é visto no cenário e não o que está escrito nas caixas de textos.

Desta forma não se pode economizar em imagens para não incorrer no risco de perder a informação ou desviar o foco da história. Vão existir dificuldades e limites da leitura e interpretação das narrativas pelas crianças surdas, principalmente as disponibilizadas em quadrinhos que nem sempre oferecem recursos visuais para a compreensão apenas pelo texto imagético. Ao depararem-se com imagens maiores e mais comunicativas, as crianças vão parar e olhar com mais atenção e isto pode ainda desviar toda a atenção aos demais episódios.

Ressaltamos que a qualidade da participação das crianças, independente se surdas ou ouvintes, está na relação direta com a sedução do ambiente, do cenário, da qualidade da provocação participativa do público, da busca e interesse em transformar cada uma das crianças em consumidoras em potencial, para promover o interesse e o gosto pela leitura da literatura infantil na sala de leitura.

O registro das atividades com a demarcação de pontos positivos e a melhorar em cada apresentação e temática, define a necessidade de ajustes e a possibilidade de aperfeiçoamento, além do caráter científico e metodológico demandadas.

Em outras palavras, o pesquisador observador-participante na sala de leitura com crianças surdas gera oportunidades e possibilidades de se criar elementos geradores e cognoscíveis ao longo de todo o processo. E a cada momento surge uma nova janela para o imaginário fomentado novas experiências e fundamentando novas teorias na educação de surdos.

4.2 Sala de leitura para crianças surdas merece distinção e atenção:

Construção do Cenário: A comunicação em Libras é prioritariamente manual, portanto, não pode utilizar de equipamentos que comprometam a liberdade dos sinais. Não podem ser utilizados bonecos como mamulengos ou vestuária que comprometa a liberdade dos movimentos manuais;

Personagens: Impressas em tinta, fixadas em hastes e varetas: A utilização de imagens fixadas em tubos de caneta, espeto de churrasco, palitos, régua, aros de bicicleta facilitam a apresentação do personagem;

Máscaras: colocadas como touca na cabeça com a reutilização de envelopes tamanho ofício, recortado na lateral e utilizado como chapéu, fixado no envelope a imagem do personagem correspondente à história e ao cenário, conduzem a compreensão da atividade. Não pode esquecer de apresentar o sinal de cada personagem como identificação e reconhecimento da ação. Exemplo: as máscaras da história do pote de melado;

Dobraduras: a utilização de técnicas de dobradura para estimular a concentração das crianças, jovens e adultos é uma ferramenta bastante positiva. Esta atividade é individual, mas pode ser compartilhada em pequenos grupos colaborativos em que todos podem sair ganhando de forma compartilhada e pró-ativa. A técnica do Origami com a construção de objetos: balões, barcos, estrelas; de animais: aves, etc. E ao contar uma história de navegação ou de barco, cada aluno constrói o seu barquinho que será pintado e adornado a gosto.

A sombra como ferramenta de descobertas: Ao adivinhar em cada sombra os animais, a criança estimula a observação, criatividade e o senso crítico. Envolvidos com a silueta do animal projetada na tela, pode-se discutir que partes do animal estão presentes e ausentes naquela imagem sem detalhe. Tudo isto leva a uma construção lógica e compartilhamento dos sinais referentes. A utilização de classificadores em substituição dos sinais é uma estratégia indispensável.

4.3 Construção do Cenário

Caracterizar cada ambiente de acordo com as características e de acordo com as necessidades particulares de cada tema:

1 - Conceituar os arquétipos dos contos de fadas: Castelo, Floresta, Bruxa, Rei, Rainha, Fada, Princesa e Príncipe conforme suas identidades;

2 - Utilização de roupas, adereços, marcas comuns aos personagens a serem trabalhados, com uso de acessórios diversos, para dar ênfase em alguns detalhes da história. Ex: Capa do chapeuzinho vermelho, varinha de condão, cachimbo do saci, chapéus, coroas, arcos, orelhas de animais, etc...

3 - Ter sempre em mente que a comunicação não se limita ao individual, mas sim, ao conjunto do cenário, do vestuário, dos sinais, da narrativa lógica devidamente planejada e construída e que tem um objetivo em comum: educar, orientar, conduzir a uma reflexão mais humanizada e compartilhada entre pessoas reflexivas e felizes.

4. Recursos materiais utilizados pelo contador de histórias:

1 - livros de literatura infanto-juvenil: que sejam com muitas imagens ou textos, a tradução no cenário deve atender aos valores éticos transportados pela encenação;

2 - Pano de fundo: interligando cada cena e cada tema.

3 - Suporte para o livro: Ao deixar o livro aberto nas páginas que vão ser trabalhadas, provocamos uma ligação do cenário, a história e a leitura. Despertamos o interesse pela busca nas páginas, sinais, palavras e imagens que contribuam para melhor interação.

5. Etapas do trabalho:

- **Planejamento:** Escolha da história; Importância do livro – As ilustrações e a sequência das páginas para comunicação visual das cenas e orientação da história; Definição da técnica e das estratégias conhecendo o público, seus conflitos e valores; O cenário – Pano de fundo; Recursos materiais;
- **Discussão do tema:** da história em si e o que deixa como ensinamento; investigar sobre outras histórias, como eram os personagens, aparências, atitudes, comportamentos, valores, semelhanças com a vida real. Perguntar o que mais gostou, que ensinamentos podem ser levados para aplicar no cotidiano.
- **Estudo da história:** Fazemos uma primeira leitura para conhecer os personagens, definir os cenários e as características dos personagens procurando esclarecer dúvidas;
- **Estudo em libras:** O contador de histórias estuda a melhor maneira de contar a história, os sinais envolvidos, classificadores e marcadores, as expressões corporais complementares expressando sentimentos e emoções, para que todo o glamour da representação atinja seus objetivos. Também pontua com o grupo os sinais novos;
- **Oportunidade de compartilhar e geração de multiplicadores:** Este momento de integração do grupo é muito interessante. Ao atribuirmos o papel dos personagens para as crianças, elas se envolvem e assumem o comando. Vão ocorrer situações como inverter papéis e falas que podem ser tomadas como errado pelos demais. Afinal de contas, o roteiro foi dado, e a princípio, deve ser seguido, sem variação. Cabe ao contador instrutor, orientar esta possibilidade de improvisar ou não, de acrescentar e modificar de forma criativa e espontânea, sem perder o sentido da narrativa. É muito importante na educação de surdos este momento, pois tendem a repetir o comando e as falas sem o direito ou a oportunidade de improvisar, segundo as condições em que cada ambiente se apresenta.
- **A hora do conto:** este é o momento esperado e precisa contar com a participação de todos.

Destacar os pontos importantes de cada história e sempre fazer alusão a outros episódios reforçando a relação temporal e a memória.

- **Estratégias educacionais:**

1º - Apresentação do Livro - Analisar com as crianças os detalhes da capa do livro, perguntar: 'De quem é aquele pé? É um cachorro? É uma criança? Quem pode ser? Onde é este lugar? O que esta fazendo?'. Indagar sobre os personagens e suas características, sentimentos e o cunho moral (se houver).

2º - Preparação do cenário de acordo com a história: o cenário aparecerá por meio dos sinais dos personagens e os classificadores da Libras.

3º - Livro aberto para as crianças: o livro deve estar aberto e com as ilustrações voltadas para que as crianças possam ver e observá-las, para entenderem cada cena. É necessário deixar as crianças tocarem no livro para visualizarem melhor as imagens. Deve ser respeitado o interesse da criança.

4º - Contando a história em Libras: a cada cena proposta pela sequência das páginas do livro; deve-se repassar a cena em Libras, organizando assim o pensamento e a linguagem.

5º - Dramatização da história: ao fim da história, o contador propõe uma dramatização espontânea feita pelas crianças de modo bem livre para evitar limitações na expressão corporal e sempre que for necessário, o contador de história entra em cena para colaborar com a dramatização, recorrendo ao livro para mostrar como é a cena.

6º - Continuação da dramatização trocando os personagens.

7º - Momento de sistematização da língua de sinais: Discutindo a história; Interação com perguntas e respostas sobre o cenário e os personagens; O que gostou? O que não gostou? Como eram os personagens? Que lições para a vida podem ser relevantes a partir da história e do comportamento dos personagens.

- Cada aluno conta a mesma história e depois com criatividade e improviso com a sua história. Este momento de criatividade contribui para a apropriação de conceitos como: verdade, mentira, invenção, imaginação, sonho, realidade, real, original.

Data da última alteração: 05/11/2013

BIBLIOGRAFIA

FALCÃO, L. A. B. **Surdez, cognição visual e libras**: estabelecendo novos diálogos. 2 ed. rev. e ampl. Recife: Ed. do Autor. 2012.

_____. **Educação de surdos**: ensaios pedagógicos. Recife: Ed. do Autor. 2012

_____. **Aprendendo a libras e reconhecendo as diferenças**: um olhar reflexivo sobre a inclusão. 2ª ed. Recife: Ed do Autor. 2007

_____. Prática docente na educação de pessoas surdas através da cognição e da descrição visual sinalizada: ensaios pedagógicos. Disponível em <http://visaoinclusiva.com.br/?p=604> Acesso em 22.10.2013

_____. Prática docente na educação de pessoas surdas através da cognição e da descrição visual sinalizada: ensaios pedagógicos. [www.visaoinclusiva.com.br](http://visaoinclusiva.com.br); <http://visaoinclusiva.com.br/?p=604>

RODRIGUES, L. E. Apostila Contador de histórias surdo. 2013